

APAGAR AS DIVISÕES, CELEBRAR O CONSENSO: A GOVERNANÇA DISCURSIVA NA ERA NEOLIBERAL

Patrick Dahlet*

Resumo: A proposta é estudar o papel dos processos discursivos na configuração, cada vez mais extensa e profunda, do que poderia se chamar o *sistema globo* (qualquer referência a um dispositivo mediático real é justificada), um sistema *mundo que é também um mundo discursivamente naturalizado em sistema neoliberal*, em que, (quase) todos, vivemos mais ou menos bem hoje. São as formas e efeitos de dois procedimentos retóricos particularmente impactantes (o eufemismo junto com a redistribuição dos valores semânticos das palavras) que se pretende evidenciar, mostrando que, querendo ou não, o que está em jogo nessa governança discurso-liberal é não tanto a exclusão de Outrem, mas a configuração de um Outro desprovido de alteridade.

Palavras-chave: Discurso neoliberal. Eufemização fabulatória. Reencantamento semântico.

INTRODUÇÃO

■ **P**roponho-me a trabalhar aqui a questão (*a questão, e não o problema*, como se costuma falar nessa era neoliberal) do papel dos processos discursivos na configuração, cada vez mais extensa e profunda, do que poderia se chamar o *sistema globo* (qualquer referência a um dispositivo midiático real é justificada!), um sistema mundo que é também um *mundo naturalizado em sistema neoliberal*, em que, (quase) todos, vivemos mais ou menos bem hoje.

Na perspectiva dessa atuação do que pode ser chamado de governança discursiva do sistema globo, a hipótese que queria submeter é que a nova língua globo, virando *globodiscurso* nos seus delineamentos discursivos, faz valer por todos o mundo sistema de alguns, levando-nos a consentir os rumos neoliberais das relações sociais, apesar da violência e das desigualdades que eles trazem consigo e que os sustentam.

* Professor livre-docente aposentado pela Universidade das Antilhas e da Guiana (França). Professor pesquisador visitante na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: pdahlet@voila.fr

Por meio de que misteriosa mágica linguística os humanos chegam a aderir a interesses que não são deles, a grande maioria, e a confundir-se com os desejos socioeconômicos dos dirigentes do processo mundial? Na verdade, não é tão mágico, mesmo que isso permaneça ainda assim um pouco misterioso. Finalizado pela vontade e necessidade de constituir o que chamaria de consenso consentido, em torno do fato de que o mercado mundo garantiria a prosperidade geral, o globodiscurso interliga múltiplos procedimentos para consegui-lo. Mesmo o mais cínico dos sistemas necessita de procedimentos retóricos e de justificações éticas para viabilizar seus empreendimentos.

São dois desses procedimentos, particularmente impactantes – a *eufemização* e a *redistribuição semântica* – que pretendo evidenciar aqui, mostrando que, queiramos ou não, o que está em jogo nessa governança discurso-liberal é talvez não tanto a exclusão de Outrem, mas sim a configuração de um Outro desprovido de alteridade e, decorrendo disso, tolerável e assimilável.

EUFEMIZAÇÃO E RETÓRICA DO CLOROFÓRMIO

Eufemismo vem do grego *eu* que significa “bem”, e “*phêmē*” que designa “a fala”, dizendo assim respeito ao que é “bem dito”. E esse “bem dito” consiste em dizer as coisas de maneira atenuada, detida, até discreta, não como no caso da *litotes*, para implicar o mais alto grau, mas para evitar a brutalidade das palavras. Nesse sentido, me parece que o eufemismo é o procedimento retórico básico no globodiscurso, que recorre sistematicamente a ele, podendo assim contornar ou evitar palavras ou formulações mais constrangedoras, porque negativamente conotadas ou porque colocariam em questão a legitimidade do mercado mundo e dos dispositivos políticos e financeiros que o sustentam. Embora o andamento da globalização seja complicadíssimo, e duro para a maioria, trata-se de *inebriar* todos pelos bons ventos que o animariam e sopram a favor de alguns.

Pois isto é a função principal, no contexto do globodiscurso, do eufemismo: isentar e absolver os responsáveis das crises, com seu lote de prejuízos, miséria e violência, e deixá-los aparecer como benfeitores, ou pelo menos como se fizessem de tudo para defender, apesar dos obstáculos “naturais”, o bem-estar de todos.

Um dos campos de operação mais frequentes do eufemismo, e hoje quase obrigatório (no sentido de que não há como não eufemizar o que acontece lá), é o das intervenções policiais ou militares cujas violências, inclusive com mortes, aparecem em inúmeros casos eufemizadas, ao serem representadas nas mídias francesas como resultantes de “*bavure*” (*erro*), como evidenciam os três extratos de notícias que seguem (basta digitar “*bavure*” no Google para que surjam milhares delas).

Bavure policière à Bruxelles: un niqab en lambeaux, une femme musulmane hospitalisée

A Molenbeek-Saint-Jean, commune belge de Bruxelles, une femme portant le niqab a été victime d'une bavure policière. Contrôlée à un arrêt de tramway elle finira hospitalisée, blessée de la tête au pied. Qu'a-t-il bien pu se passer? (BAVURE..., 2012).

La police brésilienne multiplie abus et bavures

La polémique prend de l'ampleur au Brésil. La police militaire est montrée du doigt à São Paulo. Ces six derniers mois, ses hommes se sont rendus responsa-

bles d'un mort sur cinq dans la capitale économique brésilienne. Ces chiffres, à peine publiés, viennent confirmer les accusations portées par les habitants et les associations depuis des mois à l'encontre de la police. Balles perdues, ou exécutions sommaires... les policiers de Sao Paulo multiplient les abus (LA POLICE..., 2011).

Cisjordanie: bavure de l'armée israélienne

Un sexagénaire palestinien a été tué aujourd'hui à la suite d'une bavure commise par des militaires israéliens lors de l'arrestation en Cisjordanie de cinq membres du Hamas libérés la veille par l'Autorité palestinienne. Omar Qawasmeh, 67 ans, a été tué par balles, selon son fils, dans son lit dans une pièce d'un bâtiment où se trouvait son neveu, un des cinq hommes visés par l'armée, dans le quartier d'El Cheikh, dans un secteur de Hébron, sous contrôle de l'Autorité palestinienne, dans le sud de la Cisjordanie occupée. L'armée israélienne a "exprimé ses regrets", reconnaissant que la victime "n'était pas une cible et n'était pas impliquée dans une activité terroriste quelconque". Selon un communiqué de l'armée, il a été tué par erreur [...] (CISJORDANIE..., 2011).

No primeiro caso, uma mulher, ao ser submetida a um controle policial de identidade, acabou hospitalizada com ferimentos graves; o segundo refere-se à polêmica em torno dos altos índices de mortes (25%) pela polícia em São Paulo, capital, no 1º semestre de 2011; e o terceiro é um informe da morte de um sexagenário palestino baleado pelo exército israelense.

Como talvez (não) se saiba, a palavra *bavure* designa uma ação policial que não corresponde ao código deontológico do exercício policial, chegando a golpear, ferir ou matar por erro (o dicionário *Petit Robert* define *bavure* como um “erro prático, um abuso com consequências constrangedoras”). Considerando essa definição, vê-se que o que está eufemizado, na verdade, não são diretamente os efeitos da violência, mas sim a responsabilidade dela, já que esses efeitos são nada mais que manifestações de um erro. Significativo disso é o fato de que, na jurisdição francesa, *bavure* nunca aparece como categoria de delito, suscetível de ser processado e julgado. Como inculpar, se não está delimitado como ato culpado? Além disso, vale a pena fazer mais duas observações em relação à noção onipresente de *bavure*.

A primeira é que, como se pode reparar nos artigos remetendo à polícia brasileira e ao exército israelense, a aplicação da noção de *bavure* não está restrita à França. Pode qualificar qualquer ação das forças policiais e militares em qualquer país – o que interpreto como sendo ao mesmo tempo uma condição e um efeito do globodiscurso.

É necessário envolver o mundo todo, no mínimo os cidadãos de um mesmo país (aqui, a França), em categorias de representação jurídico-ideológicas uniformizadas pela necessidade de eufemizar a violência de quem segura a ordem na aldeia global, com o fim de preservar a sua autoridade e aceitação. Seja a polícia, seja o exército, são forças que na era neoliberal devem ser aceitas como entidades pacificadoras (cf. a própria denominação de *unidades de pacificação* das favelas do Rio, relembrando estranhamente que a guerra da Argélia, para tentar conter o movimento de independência, também foi apresentada pelo governo francês da época como sendo uma guerra de pacificação). Tratando-se de forças de manutenção da paz, os cidadãos comuns nada têm a temer! Mas o que não se pode descartar é a fatalidade de um erro contra a própria vontade dos atores dessas forças, que por isso não podem ser culpados: *errare humanum est*.

A segunda observação é que parece que há só um tipo de agressão que está excluída do processo de eufemização: são as ações de origem chamadas de “islamitas”, não unicamente de tipo “terrorista”, como se vê nos dois seguintes artigos: contando o primeiro, o ataque de um posto de guardas fronteiras egípcios por guerrilheiros “islamitas djihadistas”; e o segundo, a irrupção de um grupo de islâmicos num Fórum bretão sobre a imigração.

Attaque à la grenade, mitraille et lance-roquette

Des hommes armés soupçonnés d'être des islamistes "djihadistes" ont attaqué dimanche un poste-frontière entre l'Égypte et Israël, tuant 16 gardes-frontière égyptiens, avant de pénétrer avec un véhicule blindé sur le territoire israélien où ils ont été neutralisés. Cinq membres du commando ont été tués, a indiqué lundi un porte-parole de l'armée. "Les corps de ces cinq hommes qui portaient des armes ont été retrouvés par l'armée israélienne", a ajouté le porte-parole sans donner d'autres précisions (ATTAQUE..., 2012).

Violente attaque d'islamistes contre les Assises bretonnes sur l'immigration

Ce samedi 2 juin, Pierre Cassen et Christine Tasin participent aux Assises bretonnes sur l'immigration à Vannes. [...] Soudain, l'hôtel où se tient la réunion est attaqué violemment par une quarantaine d'islamistes usant de bombes lacrymogènes et de pierres. La charge a fait un blessé dans les rangs des participants, mais le service d'ordre fut efficace et a repoussé l'assaut en causant quelques soucis à certains des agresseurs (HEURTEBISE, 2012).

Por serem “islamitas”, são ações dirigidas contra o resto do mundo, e o homem branco e cristão em particular, mas não unicamente. É muito significativo da missão semântica do globodiscurso na fase neoliberal atual (construir a representação da luta de um “eixo do bem”, sob a liderança dos Estados Unidos contra um “eixo do mal” identificado, a (não) civilização árabe) que, ao contrário do que acontece no caso das forças pacificadoras francesas, brasileiras ou israelenses, as ações islamitas estão sistematicamente aqui representadas como *ataques* (ou seja, como ação com intenção de prejudicar, ao contrário de *bavure*, que caracteriza a ação como involuntária), e não só como ataque, mas como *ataque violento* e no caso do último artigo citado), o que não deixa de questionar a própria justificativa dessa modalização, já que houve nesse caso “só” um ferido.

A serviço do empreendimento planetário de eufemização, evidentemente, não há apenas “*bavure*”, mas ainda vários termos apropriados pelo globodiscurso para amenizar e/ou tornar amável a desregulamentação neoliberal do mundo e valorizar o progresso que ela traz à condição humana. Entre eles, pela frequência e pelo peso semântico deles, contentar-me-ei em destacar os seguintes eufemismos, continuamente usados pelos croniqueiros e comentaristas nos canais televisivos: *mercado*, *economia de mercado*, *liberalismo* ou *neoliberalismo* em vez de *capitalismo*; *modernização* ou *reformas* (ou também em francês “*toiletage*”, ou seja, *limpeza*) da previdência social, do direito do trabalho, da escola, significando na verdade novas limitações da proteção social e da condição laboral, e participação dos empresários no funcionamento das escolas; *plano social*, *reestruturação* (e também em francês “*redéploiement*”, e até mesmo “*dégraissage*”/ *limpeza a seco!*) para remeter a demissões e cortes nos efetivos; *esforço orçamentário*, *reconstrução* ou *reerguimento* (“*redressement*”) *econômico*, para não pôr a austeridade no primeiro plano – e quando se fala de *austeridade* é para não evo-

car a redução drástica da extensão do serviço público e das vantagens sociais que ela implica; *dinamismo econômico*, *abertura ao capital* ou *parceria com o setor privado*, para não falar de processo de privatização; *rendimento/dividendos dos títulos* (“*dividendes*”, em francês), *retorno/devolução dos investimentos* (“*retour sur investissements*”, em francês), para evitar falar de lucro ou benefícios; *reajustar os preços*, para não falar de aumento, mas, sim, de medida de justiça; *afastamento* ou *recondução à fronteira*, para não falar de expulsão (e ainda menos de deportação) no caso de imigrantes proibidos de permanecer no território nacional; *empregada de casa* em vez de doméstica, e *pessoal de apoio técnico* em vez de pessoal de limpeza etc.

A lista não teria fim, e seus termos organizam todos os discursos dirigidos pelo mundo institucional para o cidadão, a exemplo dos dois seguintes fragmentos:

S'agissant du réseau consulaire, la volonté est à l'allègement et à la simplification. La mise en place de monconsulat.fr a été un succès. Son exemple devra être suivi afin de moderniser le réseau consulaire français (BOLETIM..., 2012).

Queremos seguir com nossas boas relações com todos os países do hemisfério e criar um ambiente onde possamos cooperar com os desafios que enfrentam os povos. Mas o enfoque deve ser mais econômico (ENTREVISTA..., 2012).

O primeiro exemplo é, de certa maneira, um modelo de gênero. Pois acumula três eufemismos – *allègement* (amenização), *simplification* (simplificação) e *moderniser* (modernizar) –, os dois primeiros valendo como hipônimos de *modernizar*, e devolvendo assim uma definição desse. Modernizar é simplificar e submeter a um regime, ou seja, é a condensação eufemística de uma política de corte sistemática dos serviços públicos e nos investimentos que necessitariam. Nessa perspectiva, a *modernização* é sempre apresentada como um processo imprescindível para evitar o declínio. Na estratégia discursiva da globalização neoliberal, pode-se dizer que é uma palavra-chave, um tipo de *sésamo*, que tem por função simultaneamente dar a entender que ela está sendo conduzida a favor de todos e, portanto, que não tem por que se opor a ela, e também esconder que na verdade ninguém sabe para onde o processo de modernização está levando o mundo.

Quanto ao segundo exemplo, não só expressa com “Mas o enfoque deve ser mais econômico” a finalidade intrínseca do sistema neoliberal, mas também faz valer essa expressão como uma síntese eufemística do que se deve fazer, sem poder dizê-lo: desistir de estimular políticas sociais e de defesa dos direitos humanos, para ir além do mercado, transformando as próprias sociedades em sociedades de mercado, e a sociedade mundo em uma sociedade de mercado gigante.

Essa lista também não tem fim. Vale ressaltar que a eufemização recorre muito também a termos provenientes do inglês, explícita ou implicitamente: implicitamente, por exemplo, no caso de “governança”, saindo de *corporate governance* (comando das empresas pelos acionários) que vai substituindo “governo”, estimado estatal demais; e explicitamente com as palavras *coach* ou *manager*, substitutas de chefe ou executivo, apagando assim a noção de controle, focalizando demais a hierarquia em benefício da função de coordenação e animação.

E ainda deve-se sublinhar que o globodiscurso está em constante evolução, com uma capacidade criativa que lhe permite enriquecer cada vez mais o seu potencial eufemizante e refinar as suas invenções. É assim que *absorção*, *fusão* e *concentração* foram pouco a pouco substituídos por *reestruturação* ou *reorga-*

nização industrial, e depois, oferta pública de compra e, finalmente, integração das empresas. E todo o mundo sabe que foram deixados de lado os países sub-desenvolvidos (etnocêntrico demais), assim como o Terceiro Mundo (uma expressão que provavelmente lembra demais as lutas pela independência dos anos 1960), para que possam ser do conhecimento de todos países em desenvolvimento ou em fase de desenvolvimento, e países emergentes (tal como o próprio Brasil, o que não deixa de surpreender, já que esse emergente está em sexto lugar, na frente de muitos desenvolvidos na classificação dos países produzindo mais riquezas, passou a Inglaterra e não tardará a passar a França).

Enfim, há que mencionar que não apenas as palavras (o léxico pleno) podem servir para eufemizar, mas também os morfemas, ao exemplo do prefixo *pós* (cf. *pós-colonialismo*, *pós-escravidão*, *pós-industrial*, *pós-moderna*), cuja produtividade remete ao fato que permite dar a ilusão de um dinamismo transformador, procurando fazer esquecer que o que é passado não é necessariamente ultrapassado e desativado: não é porque não existem mais colônias ou porque foi abolida a escravidão que não existem mais práticas e situações de tipo colonial ou escravatura; e não é porque passamos (ou, melhor dito, alguns passaram) à etapa industrial que não haja mais operários, ou, melhor dito, proletariado.

Antes de terminar essa abordagem da estratégia de eufemização do globodiscurso, quero ainda chamar a atenção sobre dois deslizamentos eufemísticos dos mais radicais, no sentido de estarem borrando o espaço ético-político das sociedades atuais, duas noções que fundamentaram as suas transformações democráticas: a de “classe social” e a de “igualdade”.

De fato, o globodiscurso não fala mais de “classes” ou “classes sociais”, nem do confronto de seus componentes (burguesia e proletariado), e ainda menos de “luta de classes”, “oprimidos” ou “explorados”. Parece que essas palavras sumiram da história mundial, esgotadas pelo crescimento da era liberal que as teria tornado desnecessárias. Foram substituídas por múltiplos outros termos, como: *camadas sociais*; *faixas* (de idade, recursos, impostos); *categorias* ou *setores* (socioprofissionais e outros); *classe B e C* (mas, significativamente, não A, no Brasil, ou pelo menos não se ouve muito); *comunidades* ou *grupos* (com enfoque étnico, religioso ou cultural); *meios* (financeiros, esportivos, artísticos); *desfavorecidos*, *despossuídos*.

Esses termos todos têm um ponto em comum: o de evitar a menção, explícita ou implícita, de um conflito e da dominação mantida de uma parte da população sobre outras. Nesse sentido, cada um dos novos termos corresponde a uma maneira específica de eliminar o conflito da organização social e de apagar assim as divisões: à luta de classes historicamente atestada (burgueses e proletários), a divisão entre *classe B e C* substitui duas entidades abstratas, meramente simbolizadas por duas letras do alfabeto, cômodas para abafar as diferenças sociais e os particularismos culturais, iluminando somente que nada impede os de C virarem B, e que é melhor pertencer a B que a C, já que B vem antes de C e que C segue necessariamente B.

E cada um dos outros termos, a sua maneira, apaga as divisões sociais e ideológicas e, portanto, a inquietude que elas podem gerar nos dominantes e as rebeliões nos dominados, já que não existe mais essa oposição: falar de *camadas* traz consigo uma quieta horizontalidade (em contraste com a verticalidade de classes antagonistas); de *categorias*, *grupos*, *faixas* ou *comunidades*, focaliza outros critérios de agregação e eventuais discordâncias que o social; e abordar as

classes como *meios* tem a grande vantagem de reconhecer a heterogeneidade da sociedade (reconhecendo a diversidade dos seus meios, econômicos, acadêmicos, religiosos, entre outros), sem portanto ter que lidar nem com luta entre eles (*meios* não lutam entre si: não têm por que, sendo todos naturalmente incluídos no híper *meio ambiente*), nem com divisões dentro de cada um, ao contrário de cada uma das classes (cf. as divergências históricas, por exemplo, entre operários sem qualificações específicas, operários qualificados, e técnicos, sem falar desses em situação de desemprego). E, apesar de manifestar um dinamismo desigual, os termos *desfavorecidos* e *despossuídos* não mudam essa orientação que apaga as divisões; só que aqui, mais que pelo apagamento do objeto, o processo anestesiante passa pelo dos atuantes: se se concede que há *desfavorecidos* e *despossuídos*, não se iluminam as discriminações que sofrem, já que os termos *permitem* silenciar o agente e os alvos dos processos desiguais em questão.

Mas, talvez, não se pudesse mesmo destacar esses participantes, já que a noção de *igualdade* em si também sumiu do palco discursivo global. Foi substituída pela palavra *equidade*, como nesses fragmentos de discursos de François Hollande e Dilma Rousseff:

Le troisième enjeu, c'est la rémunération. Elle doit être digne, équitable, établie à l'intérieur d'un système intelligible et efficace (HOLLANDE, 2012).

Cumprimento os esforços angolanos pelas políticas de promoção da equidade de gênero e pelo representativo número de mulheres que exercem os mais altos cargos neste Parlamento e no Executivo (ROUSSEFF, 2011).

Apesar de sua proximidade semântica, o que explica sua moda globodiscursiva, *equidade* não é *igualdade*. Pois o termo remete a um tratamento justo, sim, mas em condições específicas. É em nome do princípio de equidade que se impulsionam todos os programas chamados de discriminação positiva (do tipo empregos reservados para deficientes, bolsas a favor de alunos de zonas de educação prioritária na França, cotas de vagas para alunos do ensino público e negros nas universidades brasileiras). Destinada às necessidades de justiça de grupos determinados, que podem ser inclusive imensos (como no caso das mulheres dentro das humanidades), a *equidade*, por essa destinação peculiar mesma, não implica um tratamento igual para todos, mas, sim, um tratamento diferenciado em função da situação individual ou comunitária de cada um.

Ninguém nega (e é por isso também que o globodiscurso gosta tanto da noção) que pode ser justo outorgar direitos especiais aos que necessitam deles e não oferecer o mesmo direito aos que não sofrem deficiências ou marginalizações particulares. Mas é na base desse mesmo princípio de *equidade* que políticas neoliberais propõem restringir a segurança e a previdência sociais aos mais *desfavorecidos*, deixando os demais sem outra opção que recorrer ao sistema de seguro privado.

Se a noção de *equidade* é tão prezada hoje nos discursos na governança global, assim o é porque apresenta a grande vantagem de pôr em questão a universalidade dos direitos de cada um, em nome de um princípio de justiça, graças ao qual a política que o aplica não deixa de passar por humanista. Mas, e apesar das melhoras que pode trazer sua aplicação, a *equidade*, enquanto princípio político diretor, infringe o de *igualdade*, dispensando as políticas econômicas e sociais da universalidade dos direitos, garantida pela *igualdade*, e que enraízam historicamente a solidariedade no fundamento das democracias.

Nesse sentido, vale a pena ainda notar que, quando aparece hoje no globodiscurso a referência a *igualdade*, é sempre completada com uma especificação, virando muitas vezes *igualdade de oportunidades* (“*égalité des chances*”, em francês), como se vê nos dois extratos discursivos que seguem:

Para muitos, nós, mulheres, somos a metade do céu, mas nós queremos ser a metade da Terra também, com igualdade de direitos e oportunidades, livres de todas as formas de discriminação e violência (ROUSSEFF, 2012).

Iniciou-se nesta segunda-feira (13) no Senado um curso de formação para os integrantes do Comitê Pró-Equidade de Gênero e Raça, uma iniciativa do governo federal à qual o Legislativo aderiu no propósito de ampliar a igualdade de oportunidades entre os que trabalham no poder público (SENADO..., 2012).

Sabe-se que, ao acrescentar uma caracterização (nesse caso, *oportunidades*) a uma designação, modifica-se ou reduz-se sempre a amplitude semântica da palavra original (nesse caso, *igualdade*). Quando uma pessoa não mais fala “eu te amo”, mas “eu te amo muito” (não mais “*je t’aime*”, mas “*je t’aime beaucoup*” ou “*je t’aime bien*”) é que o ardor já se foi! De certa maneira, a formulação *igualdade de oportunidades* corresponde à negação do espírito mesmo de igualdade, já que se todos se encontram originalmente com as mesmas oportunidades; a responsabilidade por não ter diploma é do aluno mesmo, e por ser pobre é do pobre mesmo, que não conseguiram vencer, apesar de se beneficiarem, inicialmente, das mesmas armas que todos os seus compatriotas.

Nessas condições, a aproximação de *equidade* com o sintagma *igualdade de oportunidades* e a relação sinonímica que os termos mantêm nos discursos iluminam uma implicação semântica perniciosa que as duas palavras têm em comum: cabe a cada um dos agentes em questão aproveitar ao máximo a *equidade* e a *igualdade de oportunidades* que os beneficiam; caso contrário, não teriam por que se queixar de continuar carentes. É bem a uma significação desse tipo que remete a interpretação que faz Evandro Brandão Barbosa do discurso da Dilma no dia 1º.1.2011:

Uma equidade social construída por todos os brasileiros; portanto, não cabe paternalismo e nem assistencialismo, mas esforço socioeconômico dos agentes econômicos (governos, famílias e empresas); isso pode ser compreendido quando diz a Presidenta: “a superação da miséria exige prioridade na sustentação de um longo ciclo de crescimento” (BARBOSA, 2011).

Resumindo, com a *equidade*, apesar das aparências e dos avanços que proporciona a noção, titubeiam a *igualdade* e a universalidade dos direitos que esta última promete a cada ser humano. Como se percebeu, a eufemização termina redistribuindo o sentido das palavras objeto do processo.

REDISTRIBUIÇÃO SEMÂNTICA E DESSEMANTIZAÇÃO DA ASPIRAÇÃO A TRANSFORMAÇÃO

Isso nos leva ao segundo procedimento do globodiscurso que examinarei agora: o de *redistribuição semântica*. Por redistribuição semântica, entende-se aqui uma alteração de sentido historicamente atestado, resultante de uma exploração/repetição incessante das palavras em questão (um pouco como o faz o discurso publicitário) e resultando na possibilidade de empregar essa palavra para

caracterizar novos objetos e fenômenos, *a priori* sem relação com ela, mas permitindo assim transferir-lhe por contaminação o dinamismo transformador do sentido histórico. Deter-me-ei a exemplificar esse funcionamento empregando três das palavras mais relevantes e impactantes do processo.

A palavra *social* é particularmente reveladora do sentido dessa redistribuição. Enquanto, no século XX, *social* referia-se a tudo que podia ser feito para levar o povo ao poder e constituir um governo de políticas públicas destinadas a satisfazer igualmente as necessidades de todos (ao ponto que na França, notadamente, usava-se um neologismo *La Sociale* para designar o povo no poder), hoje, *social* se vê agregado pelo discurso neoliberal para designar quase qualquer medida ou dispositivo visando consolidar o sistema, oferecendo-se, assim, como sendo de natureza *social*, e portanto benéfico para o seu público-alvo.

Além do recorrente *diálogo social entre parceiros sociais* (que transformam os representantes dos patrões e dos assalariados em uma espécie de grupo de amigos que discutem), temos *trabalhadores sociais*, *alojamentos sociais*, *prestações sociais* (remetendo a todos os recursos que se podem mobilizar para evitar precisamente a explosão social), *campos de obras* (“*chantiers*”) *sociais* (cujo objeto geralmente é a flexibilização dos direitos sociais), mecanismos de *mediação social* (ao qual remetem, por exemplo, patrulhas de polícias encarregadas de vigiar a vida social em determinados bairros), e até *planos sociais*, que são meramente, ao contrário dos benefícios que parecem trazer para a coletividade, planos de demissão coletiva levando ao desemprego o público-alvo:

SFR: le plan social pourrait porter sur 2000 suppressions de postes (SFR..., 2012).

La justice annule le plan social chez Conforama

Le plan de sauvegarde de l'emploi proposé par Conforama prévoyait, outre la suppression de 288 emplois, la fermeture de sept centres de service après-vente sur douze en France, selon les élus du CCE (LA JUSTICE..., 2012).

Note-se que a expressão toda, *plano social*, identifica-se a um eufemismo particularmente forte, a presença da virtuosa dimensão social aqui para fazer aceitar a perda do trabalho pelos trabalhadores que ela implica na sua rede, e também deve ser indicado que um tal eufemismo não se encontra hoje nos discursos institucionais e midiáticos brasileiros.

Aliás, do mesmo tipo são os deslizamentos da palavra *cidadão*, que, designando originalmente, como se sabe, o povo em rebelião contra o antigo regime monarquista, chegou em formulações como *empresa cidadã*, *comportamento cidadão*, *iniciativa cidadã* (“*entreprise citoyenne*”, “*comportement citoyen*”, “*initiative citoyenne*”, a remeter as atitudes públicas e privadas mais conformes e conformadas à ordem existente. Nessa perspectiva, a noção de *cidadania empresarial* é particularmente valorizada:

Histórico do Grupo de Cidadania Empresarial

Em 1999 a Fundação Cásper Líbero percebeu a necessidade de criar um setor específico que administrasse as iniciativas de cidadania propostas pelos seus funcionários. Um grupo formado por profissionais de diferentes áreas assumiu, então, essa responsabilidade, assim se formou o Grupo de Cidadania Empresarial (FUNDAÇÃO CÁSPER LIBERO, 2014).

Sobre o curso *Administração de Empresas*

O curso que objetiva qualificar profissionais para o trabalho em diversos setores nacionais e internacionais, como indústria, comércio e serviços, tem por finalidade a “Excelência na formação de profissionais eficazes, com elevado senso de cidadania e visão socioempresarial” (FUNDAÇÃO ESCOLA DE COMÉRCIO ÁLVARES PENTEADO, 2014).

O Prêmio SESI

O Prêmio SESI Qualidade no Trabalho (PSQT) é o processo educativo que aumenta a competitividade das empresas, fomenta a adoção de novos valores de gestão e valorização das pessoas. Ao valorizar a cidadania empresarial e comportamentos éticos, tendo como foco o trabalhador, o SESI demonstra, ao promover o PSQT, a real dimensão do ser humano, ou seja, do capital social para o processo produtivo (O PRÊMIO SESI, 2014).

Um segundo termo, ilustrativo do empreendimento de redistribuição semântica, que quero destacar é o de *ideologia*. Como todo o mundo sabe, a *ideologia*, introduzida para substituir a *metafísica*, define a ciência das ideias nas suas relações com os signos. Uma vez pluralizada (o que já é uma forma de desvalorizar o conceito), chegou a referir os conjuntos de ideias e doutrinas de todo tipo (políticas, econômicas, sociais, religiosas), características de uma determinada época: *ideologia cristã, conservadora, reacionária, liberal, revolucionária, marxista, socialista*. Contudo, na prática, virou uma espécie de caracterização crítica dirigida preferencialmente às ideologias de esquerda, e até unicamente ao pensamento de esquerda. Nesse sentido, significa globalmente tudo que contribui, mais ou menos violentamente, para reduzir a renda dos mais ricos e a liberdade do povo, como demonstra a seguinte definição:

As ideologias mobilizam indivíduos e multidões, alimentam intolerâncias, tentam conservar ou transformar sociedades, produzem guerras e revoluções. [...] Em geral, tomamos ideologia e utopia como sinônimo. Por exemplo, nos referimos ao comunismo (socialismo) e, praticamente com o mesmo sentido, à utopia comunista (socialista); da mesma forma, consideramos a ideologia anarquista como semelhante à utopia libertária (OZAI DA SILVA, 2009).

Quando não designa especificamente os desgastes de pensamentos e políticas de esquerda, a palavra se opõe ao realismo, ao pragmatismo e à busca de eficácia, que fundamentam, como já o evocamos, projetos e discursos neoliberais. É o caso das duas declarações que seguem:

Questões ideológicas atrasam planos de infra-estrutura, diz FHC

Em entrevista à agência Dow Jones, o ex-presidente afirmou que projetos atrasaram em razão de o governo não ter definido claramente um modelo de cooperação entre os setores público e privado (LAGO; CAMPOS, 2012).

Informe Otálvora – Capriles oferece uma política exterior pragmática e não ideológica

O Governo de Capriles não romperá com Cuba, melhoraria as relações comerciais com a Colômbia e renegociaria contratos com a China (INFORME OTÁL-VORA, 2012).

A atuação desse sentido de *ideológico* enquanto vertente negativa de *pragmático* não deixa, portanto, como se percebe nos dois comentários anteriores, de

implicar, explícita ou implicitamente, iniciativas e programas de esquerda, sendo a tendência discursiva global de qualificar como *ideológicos* todos os projetos voltados para a erradicação da pobreza e das desigualdades – desde a universalização dos sistemas de saúde e educação de qualidade até casas decentes, passando pelas reformas agrárias ou tributárias –, e de aprovar como *realistas* cortes orçamentárias nas políticas públicas e até emissões de entorpecentes, sob pretexto de que o “povo gosta”.

A última palavra, sintomática dos impactos da redistribuição semântica, ocasionada pelo globodiscurso, que vou comentar agora, é *utopia*. A utopia corresponde tradicionalmente à procura de um mundo, todo diferente, condensando sonhos coletivos de um ser-juntos novo e de uma nova forma de comunidade humana. Originalmente, sediada num *não lugar* (“*hors lieu*”), como na ilha de *Utopia* de Thomas More (1987), passou a ser na contemporaneidade um sonho para a frente, a projeção de um *altermundo* num futuro, mais ou menos distante. Contudo, sejam associadas a um *não lugar* ou a um futuro em ruptura com o presente, e apesar das características muitas vezes ambíguas das utopias, ao misturar o antigo e o novo numa Idade de Ouro, ao mesmo tempo inferno e paraíso, as utopias fazem aparecer a história enquanto processo que pode ser alterado e transformado. Fazem do tempo e do espaço o princípio de uma nova práxis, por ser aberta à alteridade e ao imaginário. As comunidades que as utopias apontam não existem. O que não quer dizer que elas não possam existir. A utopia é, assim, o oposto de um saber petrificado; a visão que ela provoca é a de tirar-se de um sono hipnótico para poder ter acesso a um despertar histórico. Lembro-me do que se clamava em 1968: “sejam realistas; exijam o impossível”. As utopias não definem programas de ação. Mas imaginam sociedades e convivências que podem inspirar a ação. Não se pode emancipar-se sem utopia.

Mas o globodiscurso, alegando o fim das utopias, des-semantizou a palavra: tirou dela a invenção do possível e as suas virtudes emancipadoras, usando-a unicamente para referir a algo impossível, irrealizável e/ou pernicioso:

Marcelo acredita que programa do PSD será menos utópico

“Nesta situação de crise, não há muito espaço para a utopia e portanto é mais rapidamente um programa realista do que idealista”, explicou Marcelo Rebelo de Sousa, que acredita que a diversidade do partido vai ser espelhada no texto que será aprovado no congresso desta semana do PSD (MARCELO..., 2012).

O fim das utopias europeias

Agora os europeus estão experimentando na pele a impossibilidade real de suas utopias, ao tentarem construir um governo cosmopolita e contratual a partir de estados nacionais extremamente desiguais, do ponto de vista do poder e da riqueza (FIORI, 2011).

O dia em que a reforma agrária acabou

A barbárie dos sem-terra no Congresso expõe o fracasso da utopia agrária que custa caro ao País e produz resultados medíocres (COSTA, 2006).

Como se pode observar nesses três exemplos, sustentada pela argumentação do fim ininterrupto das utopias (ontem o fim das utopias socialistas e comunistas, hoje o fim das utopias europeias), sempre pelo mesmo motivo (o poder da riqueza e a riqueza do poder), a utopia só pode levar a desgastes e desastres econômicos, e, por isso, o melhor programa é aquele que consegue silenciar o impulso utópico, para tornar-se meramente realista.

Na verdade, a relação do globodiscurso com a utopia não para por aí. Abafando e silenciando as utopias emancipadoras em nome da eficácia realista, o globodiscurso neoliberal produz inúmeras miragens ou ficções (que acho melhor não chamar de utopias, porque são desprovidas de dinâmica e sonhos de emancipação, portanto feitas para manter o *status quo*): são todas aquelas fantasias de empresas e sociedades reconciliadas com elas mesmas, sem violência nem luta de classe, assim como as de férias de confraternização (tipo Clube Med) e do consumo perpétuo. Com essas fantasias, os nossos sonhos utópicos não são mais fontes e impulsos de novos horizontes, mas narcóticos. E isso pela simples razão de que o neoliberalismo faz existir essas fantasias no tempo presente, jogando cada um na atração do seu consumo, mas tirando a aspiração a transformação movida pelas utopias emancipadoras.

O globodiscurso é uma fábula, “ficção de verdade”, para retomar uma formulação de Derrida (1967). Ninguém, honestamente, pode ficar satisfeito com o sentido de uma fábula dessa, que justifica as desigualdades e as guerras, narrando que pretende acabar com elas. Fazer o que, então? Achar uma prática política e ética da ruptura? Mas será que é realmente possível interromper de uma vez o (en)canto das sereias neoliberais, associado ao suave controle que elas exercem sobre corpo e mente, e reconhecer a estrutura de dependência que está por trás? Talvez, nessas condições, fosse melhor tentar fazer que fazer mesmo, aprendendo antes de tudo a emancipar-se dessa retórica da eufemização e dessa linguagem de eficácia, transparência e ética: recomeçar a sonhar com utopias e cultivar o impossível, no seio mesmo de um sistema que desarticula precisamente o tempo da emancipação, precipitando o povo, cada um de nós, na urgência de um consumo, real e/ou imaginário, sem freio. Mas sonhar, diferentemente do que fizemos enquanto alunos e estudantes, naquele 1968, com utopias cujos possíveis fracassos e desvios possíveis façam parte do sonho. O que significa opor ao otimismo da fábula global “um pessimismo ativo”, segundo a formulação de Walter Benjamin (1971), que, ao revelar o alto preço do globodiscurso, em termos de sociedades falidas e de vidas destruídas, nos ensina a (re)interromper o tempo e a alterar (quem sabe?) com outros tempos o tempo presente.

CANCEL DIVISIONS, CELEBRATE THE CONSENSUS: DISCURSIVE GOVERNANCE IN THE NEOLIBERAL ERA

Abstract: The purpose is to study the role of discursive processes in the configuration, more and more extensive and deep, of what we could denominate the globe system (any reference to a real mediatic disposal is justified), a world system that is also a world naturalized into a neoliberal system by the discourse, in which we all (almost everyone) live today, more or less in good conditions. It is the shapes and effects of two rhetorical procedures particularly important (the euphemism and the redistribution of the semantic value of words) that we intend to make evident, showing that, whether we want it or not, what is in stake in this liberal-discourse governance is not as much the exclusion of the Other, then the configuration of an Other deprived of alterity.

Keywords: Neoliberal discourse. Fabulatory euphemism. Reenchanted semantics.

REFERÊNCIAS

- ATTAQUE à la grenade, mitraillette et lance-roquette. *L'Express*, 6 ago. 2012. Disponível em: <www.lexpress.fr>. Acesso em: 20 fev. 2014.
- BARBOSA, E. B. O 10º discurso da Presidenta: equidade social. D24am.com, 1º jan. 2011. Disponível em: <<http://blogs.d24am.com/educonomia/2011/01/01/a-presidenta-aponta-para-equidade-social/>>. Acesso em: 28 abr. 2014.
- BAVURE policière à Bruxelles: un niqab en lambeaux, une femme musulmane hospitalisée. *AJIB*, 5 jun. 2012. Disponível em: <<http://www.ajib.fr/2012/06/bavure-policiere-bruxelles/>>. Acesso em: 20 fev. 2014.
- BENJAMIN, W. Le surréalisme. Le dernier instantané de l'intelligence européenne. In: BENJAMIN, W. *Mythe et violence*. Paris: Lettres Nouvelles, 1971.
- BOLETIM de Informação da Associação Democrática dos Franceses no Estrangeiro, 21 set. 2012.
- CISJORDANIE: bavure de l'armée israélienne. *Le Figaro*, 7 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.lefigaro.fr/flash-actu/2011/01/07/97001-20110107FILWW00468-cisjordanie-bavure-de-l-armee-israelienne.php>>. Acesso em 20 fev. 2014.
- COSTA, O. O dia em que a reforma agrária acabou. *IstoÉ*, n. 456, 14 jun. 2006. Disponível em: <www.istoedinheiro.com.br>. Acesso em: 20 fev. 2014.
- DERRIDA, J. *L'écriture et la différence*. Paris: Seuil, 1967.
- ENTREVISTA com Mike Hammer. *Diários da América*, 15 jun. 2012.
- FIORI, J. L. O fim das utopias europeias. *Esquerdopata*, 22 set. 2011. Disponível em: <<http://esquerdopata.blogspot.com.br/2011/09/o-fim-das-utopias-europeias.html>>. Acesso em: 20 fev. 2014.
- FUNDAÇÃO CÁSPER LIBERO. Histórico do Grupo de Cidadania Empresarial. Disponível em: <www.cidadania.fcl.com.br>. Acesso em: 20 fev. 2014.
- FUNDAÇÃO ESCOLA DE COMÉRCIO ÁLVARES PENTEADO. Administração de Empresas. Sobre o Curso. Disponível em: <<http://www.fecap.br/portalinstitucional/graduacao/administracao.php>>. Acesso em: 20 fev. 2014.
- HEURTEBISE, R. Violente attaque d'islamistes contre les Assises bretonnes sur l'immigration. *Riposte laïque*, 2 jun. 2012. Disponível em: <<http://ripostelaique.com/violente-attaque-dislamistes-contre-les-assises-bretonnes-sur-limmigration.html>>. Acesso em: 20 fev. 2014.
- HOLLANDE, F. *Discurso na Grande Conferência Social*. Paris, 9 jun. 2012.
- INFORME OTÁLVORA – Capriles oferece uma política exterior pragmática e não ideológica. *DefesaNet*, Brasília, 19 set. 2012. Disponível em: <<http://www.defesanet.com.br/al/noticia/7818/Informe-Otalvora---Capriles-oferece-uma-politica-exterior-pragmatica-e-nao-ideologica>>. Acesso em: 20 fev. 2014.
- LA JUSTICE annule le plan social chez Conforama. *Le Monde*, 27 set. 2012. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/economie/article/2012/09/27/la-justice-annule-le-plan-social-chez-conforama_1766849_3234.html>. Acesso em: 20 fev. 2014.
- LA POLICE brésilienne multiplie abus et bavures. *RFI*, 5 set. 2011. Disponível em: <<http://www.rfi.fr/ameriques/20110905-police-bresilienne-multiplie-abus-bavures/>>. Acesso em 20 fev. 2014.

LAGO, A.; CAMPOS, Á. Questões ideológicas atrasam planos de infraestrutura, diz FHC. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 21 set. 2012. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/economia,questoes-ideologicas-atrasam-planos-de-infraestrutura-diz-fhc,127755,0.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

MARCELO acredita que programa do PSD será menos utópico. *TSF*, 30 mar. 2012. Disponível em: <http://www.tsf.pt/PaginaInicial/Portugal/Interior.aspx?content_id=2372552>. Acesso em: 20 fev. 2014.

MORE, T. *L'utopie*. Paris: Garnier Flammarion, 1987.

O PRÊMIO SESI. Disponível em: <www.fiema.interjornal.com.br>. Acesso em: 20 fev. 2014.

OZAI DA SILVA, A. Ideologia e utopia. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 9, n. 96, maio. 2009.

ROUSSEFF, D. *Discurso na sessão solene na Assembleia Nacional*. Luanda, 20 out. 2011.

ROUSSEFF, D. Discurso inaugural da Assembleia Geral da ONU. *Veja*, 25 set. 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/leia-a-integra-do-discurso-tosco-de-dilma-rousseff-na-onu/>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

SENADO realiza curso sobre equidade de gênero e raça. *Mulheres no poder*, 14 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.mulheresnopoder.com.br/2012/08/page/6/>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

SFR: le plan social pourrait porter sur 2000 suppressions de postes. *Le HuffPost*, 28 set. 2012. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.fr/2012/09/28/sfr-plan-social-free-bouygues-orange_n_1922249.html>. Acesso em: 28 abr. 2014.

Recebido em fevereiro de 2014.

Aprovado em março de 2014.